

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE :

FSP

CLASS. :

20

DATA :

6 12 87

PG. :

FOLHA DE S. PAULO

Rios ameaçados

No PA, mercúrio é usado sem critério

A queima do mercúrio a céu aberto, sem qualquer proteção, foi uma das constatações feitas no garimpo de Cumaru, em São Félix do Xingu, no Pará, por pesquisa realizada em novembro último por um grupo de cooperação técnica formado por 13 órgãos estaduais e federais ligados à saúde, meio ambiente e mineração. "O mercúrio está sendo usado indiscriminadamente e a garimpagem não está sendo feita nos moldes do código de ética do garimpeiro", afirma a geoquímica Waldise da Silva, do grupo que está estudando a contaminação ambiental e humana

pelo mercúrio. Segundo ela, a garimpagem está quase toda mecanizada ou semimecanizada, "o que provoca uma degradação maior".

Queima de mercúrio

Apesar de o relatório ainda não estar pronto, o grupo estima que para cada tonelada de ouro retirada, queima-se duas toneladas de mercúrio em Cumaru. O relatório só estará pronto em abril próximo, quando já se conhecerão os dados da segunda etapa da pesquisa, a ser realizada na segunda quinzena deste mês nos

garimpos de Serra Pelada (município de Marabá) e Gurupi. O estudo pretende levantar as condições geológicas, biológicas e sócio-econômicas dos garimpos paraenses.

A equipe que fez o levantamento em Cumaru pretende agora levar, junto com um técnico do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), um equipamento que separa ouro do mercúrio e permite a recuperação do elemento químico.

Saúde

Para o professor Wagner Fernan-

des, que participa da pesquisa, normalmente a discussão sobre uso do mercúrio no garimpo se preocupa com a questão econômica e a degradação ambiental, deixando em segundo plano a saúde do garimpeiro. A atual pesquisa, no entanto, tem conseguido atrair a atenção dos garimpeiros, que ficam preocupados com os danos causados pelo mercúrio, diz o professor. "Alertados para o perigo de intoxicação, os garimpeiros reagem e procuram a equipe para fazer perguntas e mostrar suas condições de trabalho."

Em GO, 40 mil pessoas estão sob a influência das regiões críticas

A utilização do mercúrio em garimpos faz com que a Superintendência Estadual do Meio Ambiente de Goiás considere críticas quatro áreas — a sub-bacia do rio Vermelho, afluente do Araguaia (sudoeste); sub-bacia do rio Crixas-Açu, afluente do Araguaia (centro-sul); rio das Almas, afluente do Tocantins (centro-sul); e o rio Manges, afluente do Tocantins (médio norte). Cerca de 40 mil pessoas estão direta ou indiretamente ligadas a esses garimpos.

Segundo o titular da Semago, Harlem Garcia dos Santos, os prejuízos causados pelos garimpos ao meio ambiente são incalculáveis e vão desde a redução da fauna e da flora — com a destruição das matas ciliares — até o assoreamento dos rios e a contaminação dos peixes pelo mercúrio levado pelas águas. Ele diz que ainda não se registraram mortandades de peixes "porque a contaminação pelo mercúrio não se caracteriza como um acidente. É um processo demorado, mas fatal".

Santos afirma que o controle dessa poluição é mais difícil porque não se trata do garimpo rudimentar, mas de pequenas empresas mineradoras que utilizam maquinário pesado. Só na sub-bacia do rio Vermelho, há 140 quilômetros de rios tomados pelos garimpos. Muitos desses rios, segundo o titular da Semago, abastecem de água as cidades próximas e estão poluídos por mercúrio, chumbo e arsênio, que são revolidos do solo junto com o cascalho.

Em Minas, garimpeiro é alertado sobre os perigos da poluição

Cerca de três quilos de mercúrio foram apreendidos pela Comissão de Política Ambiental (Copam) da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais apenas no rio Manhuaçu (leste do Estado), onde fica um dos três garimpos em rios que sofreram interdição no Estado, iniciadas em 19 de novembro último. Os outros garimpos interditados por 15 dias estão no rio Paracatu (noroeste) e Paraopeba (sul). "Estamos tentando um trabalho de conscientização dos garimpeiros para esclarecê-los sobre formas alternativas de garimpo", diz Marli Meireles, diretora da Copam.

A simples apreensão do mercúrio, entretanto, não resolve o problema, na opinião de Marli. A fiscalização da Copam, segundo ela, deveria também organizar os garimpeiros e orientá-los com relação às formas mais adequadas de manejo do mercúrio. Para isso, a Copam iniciou uma série de reuniões com líderes garimpeiros. No primeiro encontro, na última quarta-feira, em Belo Horizonte, os quatro representantes dos garimpeiros teriam concordado em propor aos companheiros a reciclagem do mercúrio através do uso de uma centrífuga.

Normalmente, os garimpeiros queimam o mercúrio, o que resulta na poluição pela evaporação, ou fazem a lavagem do cascalho na própria margem do rio. A centrífuga poderia reciclar o mercúrio, evitando a poluição dos rios.

Presença do produto no Paraná compromete a captação de água

O desrespeito a normas técnicas legais e à fiscalização já causaram sérios prejuízos à maior reserva de ouro primário do Paraná, localizada em uma área de preservação próxima ao rio Assungui, no município de Campo Largo (52 km a noroeste de Curitiba). Depois de uma blitz realizada em novembro na área — explorada por um consórcio de mineradoras e alguns mineradores clandestinos — a Delegacia do Meio Ambiente e os órgãos de defesa ambiental do Estado restringiram o uso da reserva à pesquisa, para evitar novos danos, como o desmatamento, o assoreamento e a contaminação do rio Assungui por mercúrio e cianeto.

Desde que o ouro começou a ser retirado do local, em 1981, iniciaram-se o assoreamento dos vários afluentes do Assungui e sua contaminação por mercúrio. Em 1985, a área — que tem potencial produtivo entre duas e 20 toneladas de ouro — foi visitada e o nível de mercúrio da água chegou a ser 700 vezes superior ao considerado aceitável pela OMS.

O governo paranaense fez então um acordo com as empresas, que cumpriram apenas o compromisso de não despejar o mercúrio na água. O nível do produto baixou mas não resolveu o problema. Com a agressão registrada até 1985, a percentagem de mercúrio metálico nos sedimentos do rio chega hoje a 11,4 em alguns pontos, ameaçando a possibilidade de aproveitamento do Assungui para fornecimento de água para Curitiba e região metropolitana.